

Que fazer?

Os estrategistas do governo parecem convencidos de que a melhora do quadro político interno é fundamental para a condução da economia, em meio às incertezas internacionais, e principalmente para dar partida ao cronograma da sucessão presidencial a partir de outubro.

Selo – A questão que tortura as mentes palacianas é definir que instrumentos e recursos políticos seriam eficientes,

no atual cenário de crise parlamentar, para melhorar o quadro político. No cenário que está aí, dizem interlocutores do presidente Fernando Henrique Cardoso, a governabilidade tornase precária dia a dia. No cenário em perspectiva, as coisas pioram na medida em que a tendência é o aprofundamento dos conflitos com a criação de uma CPI com o selo “corrupção” para colar na porta do Palácio do Planalto.

Do ponto de vista da agenda legislativa lançada no fim de fevereiro, o primeiro semestre do ano está praticamente perdido. A cena foi inteiramente tomada pelo caso da violação do painel, cujos desdobramentos de-

vem consumir mais algumas semanas, até o fim de maio, início de junho. Na hipótese de instalação de um inquérito político amplo como o que está proposto, se perderá também o segundo semestre do ano. O recesso parlamentar de julho seguramente empurrará para agosto o início de funcionamento de eventual CPI, que terá três

meses prorrogáveis por mais algum tempo para concluir seus trabalhos. Ela se transformará no foco da cena política até o fim do ano. Não existem dúvidas sobre isso, nem no Planalto, nem na oposição, cuja estratégia é essa mesmo.

Apesar dos conflitos que to-

maram conta do Senado, as duas casas do Congresso têm realizado algumas votações. Nenhuma polêmica. A pergunta que se faz é se, mesmo enfraquecido como está agora, o Congresso responderia positivamente diante de uma hipotética crise de natureza econômica? E na hipótese de estar envolvido com investigações delicadas como os casos do dossiê Cayman, Eduardo Jorge ou da privatização das telecomunicações?

O governo pode se submeter a um teste e tentar votar este ano um substituto para os R\$ 18 bilhões de arrecadação da CPMF. Se for bem sucedido, a preocupação com CPIs tornar-se-á naturalmente supérflua.

* * *

A polêmica chega à TV

Os americanos assistirão, em meados de junho, a um documentário de meia-hora sobre Aids filmado na África e no Brasil. O programa especial, da rede CNN, vai discutir a quebra de patente para produção mais barata de remédios para tratamento da doença, assunto que tem provocado as mais recentes divergências diplomáticas na convivência Brasil/Estados

Unidos. A equipe da TV ouviu o ministro da Saúde, José Serra, os responsáveis pela produção de medicamentos da Fiocruz e vários pacientes que fazem tratamento gratuito. A inspiração para o documentário foi reportagem do jornal *The New York Times* segundo a qual os portadores de HIV brasileiros são os mais bem atendidos pelo poder público no mundo.

* * *

Réus confessos

O senador Roberto Saturnino (PSB-RJ) deve redigir seu relatório sobre o crime do painel com base em pelo menos dois delitos confessados pelos senadores Antonio Carlos Magalhães e José Roberto Arruda nos depoimentos e na acareação no Conselho de Ética: a) eles violaram o sigilo do voto lendo a lista extraída do computador do painel; b) eles sosuberam de um delito e não tomaram providências. Estes dois fatos dispensariam definir quem foi o mandante. Mas bastariam para configurar o crime de falta de decoro.

De volta à cena

O vice-presidente da República, Marco Maciel, recepcionará hoje, em Caruaru, a governadora do Maranhão, Roseana Sarney, convidada especial de um encontro do PFL pernambucano. O tema da reunião é sugestivo do interesse liberal em divulgar a presença de Roseana na terra do vice-presidente: as eleições presidenciais de 2002. Com o declínio da força do senador Antonio Carlos Magalhães (BA), o PFL aparentemente retomou o projeto de candidatura própria, em torno de Roseana, abandonado no ano passado.

* * *

JOGO RÁPIDO

■ Momento de descontração em entrevista do ministro da Economia argentino, Domingo Cavallo, anteontem. Ele confessou que, quando era pequeno, sua mãe o chamava de “espoleta”. Era uma justificativa para seu jeito impaciente.

■ O presidente Fernando Henrique não perde a piada. No encerramento ontem da 12.ª Reunião Interamericana de Ministros da Saúde e da Agricultura, depois de explicar que o Brasil é território livre da doença da vaca louca, embora “seja afetado pela loucura das vacas de outros lugra-

res”, não resistiu: “Se fosse só a das vacas...”.

■ Fernando Henrique fará o discurso de encerramento da Convenção Nacional do PSDB, dia 19, em Brasília. Quer homenagear Mário Covas.

■ Apesar da falta de regulamentação pelo Congresso, o ministro da Educação, Paulo Renato, leva adiante o Bolsa-Escola. Diz que participará, a partir da próxima semana, das caravanas que percorrem o País explicando às escolas e prefeituras como habilitar famílias a receber o benefício.

Colaborou: Luciana Nunes Leal